

**A América está morta:
Juiz Dredd como uma sátira autoritária aos Estados
Unidos**

**America is dead: Judge Dredd as an authoritarian satire on the
United States**

*Lucas Silva de Oliveira*¹

¹ Doutorando e Mestre em História Política pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá. Participa do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (LABTEMPO/UEM). E-mail: lucassuem@gmail.com.

RESUMO

Conhecido como juiz, júri e executor, o Juiz Dredd é um dos mais famosos personagens de histórias em quadrinhos do Reino Unido. Publicado pela primeira vez em 1977, ele foi concebido como uma sátira à retórica de Lei e Ordem do Partido Conservador britânico. Contudo, ao longo de suas publicações, o personagem se provou, também, uma sátira aos Estados Unidos. Neste artigo, buscamos analisar “América”, um conjunto de histórias do personagem que foram publicadas entre 1990-1991 na então *Judge Dredd The Megazine*. Nessa história, John Wagner (2020) buscou satirizar valores normalmente atribuídos aos EUA como terra da liberdade e igualdade, ao mesmo tempo que vemos dois amigos de infância percorrendo caminhos diferentes na vida, mas sendo esmagados pela totalidade repressora do Sistema Judicial.

PALAVRAS-CHAVE: Juiz Dredd; Estados Unidos; Histórias em Quadrinhos; Autoritarismo;

ABSTRACT

Known as judge, jury and executioner, Judge Dredd is one of the UK's most famous comic book characters. First published in 1977, he was conceived as a satire on the Law and Order rhetoric of the British Conservative Party. However, over the course of his publications, the character has also proved to be a satire on the United States. In this paper, we seek to analyse "America", a set of stories by the character that were published between 1990-1991 in the then *Judge Dredd The Megazine*, which synthesize criticism of the American country. In this story, John Wagner (2020) sought to satirize values normally attributed to the USA as a land of freedom and equality, at the same time that we see two childhood friends walking different paths in life, but being crushed by the repressive totality of the Judicial System.

KEYWORDS: Judge Dredd; United States; Comic Books; Authoritarianism;

Considerações Iniciais

Escrito por John Wagner e desenhado por Carlos Ezquerra, o Juiz Dredd é um dos mais famosos personagens de histórias em quadrinhos do Reino Unido. Lançado em 1977, o personagem ainda hoje é publicado na revista de ficção científica *2000 A.D* e *Judge Dredd Magazine*. Conhecido pelos leitores como juiz, júri e executor, Dredd foi influenciado por filmes e produções culturais que tinham nos *thrillers* policiais a ideia de que o policial durão e seus métodos não tradicionais de lidar com os bandidos seriam mais eficazes que o próprio Processo Legal.

Nas histórias, ele é juiz de Mega-City Um, uma megalópole localizada na América do Norte. Com 800 milhões de habitantes, a megacidade tem altos índices de pobreza, criminalidade, violência e desemprego. Tudo o que separa Mega-City Um do caos são os Juízes, uma força de policiamento ostensivo empoderada com a aplicação sumária da Lei onde quer que estiverem. Assim, o universo criado por Wagner é tido como extremamente autoritário e Dredd é visto como a encarnação da própria Lei, do abuso de poder e da violação dos Direitos Humanos.

A presente proposta é resultado de uma pesquisa de mestrado desenvolvida pela Universidade Estadual de Maringá, intitulada “Ele é a Lei! Uma projeção autoritária para o futuro: desemprego, Lei e Ordem, Guerra Fria e sátira aos EUA em Juiz Dredd (1977-1991)”, defendida em 2022. Como resultado, entre outras coisas, percebemos que o personagem foi concebido como uma sátira à retórica de uma nova Direita que estava surgindo no fim dos anos 1970. Mais do que isso, o personagem é uma crítica à retórica punitivista do Partido Conservador, este liderado por Margaret Thatcher. Como Primeira-

ministra, ela implantou uma série de políticas de cunho Neoliberal² que provocaram instabilidade econômica, desemprego em massa, ao mesmo tempo que advogava por penas mais duras à criminosos, o fortalecimento da polícia e o endurecimento da repressão policial.

Dessa forma, dado ao contexto de Guerra Fria, instabilidade econômica e mudanças sócio-políticas marcantes na segunda metade do século XX, o personagem é um produto do pessimismo que tomou conta das produções culturais desse período, fruto do declínio econômico que tomou de assalto o Ocidente e desencadeou uma onda de criminalidade. Contudo, o personagem é, também, uma sátira aos Estados Unidos da América. Semelhante ao Reino Unido, a crise econômica chegou ao país e as forças políticas estadunidenses entraram em confronto durante a década de 1970, repudiando as conquistas sociais da década anterior, levando a ascensão de uma nova direita³ com Ronald Reagan.

² Segundo Wendy Brown (2019), o Neoliberalismo é comumente associado a um “conjunto de políticas que privatizam a propriedade e os serviços públicos, reduzem radicalmente o Estado social, amordaçam o trabalho, desregulam o capital e produzem um clima de impostos e tarifas amigável para investidores estrangeiros” (BROWN, 2019, p. 28).

³ Segundo Sean Purdy, o termo “nova direita” denomina um conjunto de correntes políticas, intelectuais, religiosas e culturais que surgiram entre as décadas de 1950 e 1960. Para ele, essas correntes têm várias origens diferentes, mas a mais comum é composta por eleitores brancos do subúrbio que defendem questões fiscais e os valores de suas propriedades, o fim da segregação racial no Sul e o que chamou de “excessos” dos movimentos sociais que caracterizou a década de 1960. Há, também, setores neoconservadores preocupados com a intromissão do Estado na economia; setores religiosos compostos em grande parte por cristãos evangélicos contrários aos novos valores sexuais que emergiram durante a década de 1960. Por fim, há os grupos que advogavam por uma política de “lei e ordem”, cortes sociais, inviolabilidade da propriedade privada e economia livre. Enfim, “ideais freqüentemente relacionados a preocupações raciais, isto é, opondo-se à luta dos negros por direitos civis e econômicos. Formaram a base de apoio para vários governos estaduais e municipais nos anos 1960 e 1970, como o do governador Ronald Reagan, na Califórnia, e de George Wallace, no Alabama, bem como desafiaram as máquinas federais eleitorais dos partidos Republicano e Democrata, tentando quebrar o consenso liberal do New Deal. Consolidaram-se na década de 1980 com a eleição de Reagan e de Bush Sr., bem como com a extensão da sua influência na mídia, na vida intelectual e na cultura pop” (PURDY, 2007, p. 269)

Assim, é possível perceber a maneira como os autores colocam Dredd e seu universo como uma versão pessimista do país americano, ou seja: um juiz do futuro em um Estados Unidos distópico, que combate o crime com medidas ineficazes enquanto a população é assolada pela violência, consumismo e, em boa medida, o poder das corporações e de um Estado policial autoritário. É notável a maneira como o próprio universo do personagem tende ser uma crítica inglesa ao que são os Estados Unidos. Não podemos descartar, também, o fato de John Wagner ser um autor anglo-americano⁴.

Portanto, através do conceito de Representação (Chartier, 1990), este artigo terá foco em analisar as representações dos Estados Unidos feitas por John Wagner e como ele criticou e subverteu as concepções mais comuns sobre o país, como a ideia de Terra dos Livres, terra da Democracia e da Liberdade. Para tal, usaremos o *Essential Judge Dredd – America*, um compilado de histórias que tratam do arco⁵ América, publicado na revista *Judge Dredd Magazine* n° 1 ao 7 (1990-1991).

As particularidades do contexto estadunidense

Para entender as críticas de John Wagner à ideia do que os Estados Unidos representam, é preciso fazer uma breve contextualização da situação do país na segunda metade do século XX. As décadas seguintes o fim da Segunda

⁴ John Wagner é um roteirista de quadrinhos escocês de origem estadunidense. Trabalhou na editora DC Thomson em Dundee, na Escócia. Lá, conheceu Pat Mills e juntos trabalharam para diversos títulos que marcaram o mercado de quadrinhos britânicos, como *Whizzer and Chips*, *Valiant*, *Jet* e *Tammy*. Junto de Mills, editor e responsável por criar a revista *2000 A.D.*, Wagner co-criou o personagem Juiz Dredd, este desenhado por Carlos Ezquerro. Além de Dredd, o autor criou personagens como *Stromtium Dog*, *Ace Trucking*, *Al's Baby*, *Button Man* e *Mean Machine*. Fora da *2000 A.D.*, ele foi creditado por trabalhar com *Star Wars*, *Lobo*, *O Justiceiro* e a história aclamada pela crítica *A History of Violence*.

⁵ Arco é uma expressão conhecida dos leitores de quadrinhos para designar um grupo de histórias que se fecham em um tema.

Guerra Mundial, consolidaram os Estados Unidos como a nação mais poderosa do planeta. No plano militar, o país saiu fortalecido do conflito e ocupou boa parte da Europa Ocidental e do Japão. No plano econômico, seu isolamento geográfico permitiu que sua indústria se desenvolvesse plenamente durante a guerra. A década de 1950 foi marcada pelo *boom* econômico, pela paranoia da Guerra Fria e pelo Macartismo, uma onda persecutória que se alastrou pela sociedade estadunidense com intuito de encontrar comunistas infiltrados no país, gerando perseguições e destruição de reputações.

Na década de 1960, os Estados Unidos vivenciaram um período de mudanças políticas, sociais e econômicas. Politicamente, a sociedade estava dividida uma eleição entre o Republicano Richard Nixon, representando o continuísmo da administração de Dwight Eisenhower (1953-1961); e o Democrata John F. Kennedy, visto como um rompimento significativo com administração Republicana. Assim, apesar da disputa, Kennedy foi eleito o presidente mais jovem e o primeiro católico a assumir o cargo.

No plano econômico, as administrações de John F. Kennedy e seu sucessor Lyndon Johnson, tentaram consolidar o que Sean Purdy (2007) chamou de *New Deal* suavizado. Políticas de cunho social que propiciaram serviços médicos para idosos e pobres, investimentos em educação e infraestrutura. Paradoxalmente, ambos os presidentes se comprometeram em manter o país na Guerra do Vietnã e acirraram os ânimos com a União Soviética.

No plano social, o país presenciou uma onda de protestos liderados por diversos movimentos sociais que tomaram o debate público, a começar pelos movimentos contra a Guerra do Vietnã e pelos Direitos Civis. O primeiro, alimentou-se do protagonismo jovem que estava em voga no período, fruto do chamado *baby boom* e da expansão da educação superior. O segundo, lideranças do movimento atuaram tanto no Sul e no Norte, combatendo o preconceito, a

violência racial e a segregação. Com isso, as organizações políticas negras que propiciaram o desenvolvimento de um movimento político por direitos civis.

Na década seguinte, um dos muitos eventos mais significativos foi o chamado *Watergate*. Reportagens do jornal *The Washington Post* revelaram que o comitê de reeleição de Nixon estava tentando sabotar os Democratas. Sob ordens do próprio presidente, o edifício da sede do Partido Democrata foi invadido, de modo que os invasores foram pegos ao tentarem implantarem escutas. Como resultado, em 1974 Nixon renunciou para evitar sofrer *impeachment*. Segundo Martin Gilbert (2016), foi a primeira vez na história do país que um presidente renunciou ao cargo. Esse evento abalou a fé dos estadunidenses nas instituições, em especial na figura do Presidente.

Como no Reino Unido com o Partido Conservador, os Estados Unidos viram uma contraofensiva conservadora capitaneada pelo Partido Republicano. Até o meio da década de 1970, o país enfrentou o que Purdy (2007) chamou de “crise de autoridade”, quando a Suprema Corte acelerou a expansão das noções de liberdade, igualdade e cidadania que foram iniciadas nos anos 1950, ao mesmo tempo que outras instituições democráticas estavam desacreditadas pela população. A retirada das tropas estadunidenses do Vietnã e a renúncia de Nixon marcaram fortemente esse período e a mentalidade da população.

Na década seguinte, onda conservadora culminou na eleição de Ronald Reagan em 1980, dando uma guinada mais à direita e implementando o Neoliberalismo no país. Não obstante, ele retomou a corrida armamentista contra a União Soviética e acirrou os ânimos entre ambas as superpotências. Ao ser eleito, Reagan aproveitou do ressentimento com a elite política do país, do orgulho ferido pela derrota militar e de uma parcela cristã da sociedade que viu nos excessos do que era entendido como “permissividade” da contracultura e dos movimentos pelos Direitos Civis, um ataque aos valores cristãos, da família tradicional e do “estilo de vida americano”.

Por fim, é pertinente mencionar os Estados Unidos no pós-Guerra Fria, sob o governo de George Bush (1989-1993). Segundo Sean Purdy (2007), o fim do século XX estabeleceu um “novo consenso conservador”, “reduzindo o papel do Estado na economia e na sociedade americanas e contendo muitas das liberdades sociais e culturais que haviam sido conquistadas pelos movimentos sociais” (PURDY, 2007, p. 274). Como havia proclamado o intelectual conservador Francis Fukuyama em 1989, os Estados Unidos haviam triunfado após o fim da União Soviética, em que proclamou “o fim da História” (PURDY, 2007), ou seja, não havia nenhum outro desafio que poderia ofuscar o poder do capitalismo estadunidense. Com isso, os Estados Unidos empreenderam guerras e invasões pelo mundo: em 1989, Bush invadiu o Panamá e depôs o governo de Manuel Noriega; no Oriente Médio, como a intervenção do país na guerra do Iraque e Kuwait (1990-1991), que contou com apoio britânico. No plano doméstico, houve um fortalecimento dos setores da nova Direita e uma consolidação da política de Lei e Ordem. Como afirmou Purdy (2007):

O tom triunfante de Fukuyama, porém, não podia esconder duas tendências importantes que afetavam os Estados Unidos. Políticas neoliberais não resolveram fundamentalmente a crise econômica provocada pela superprodução e a baixa taxa de lucros. Até o fim dos anos 1990, a instabilidade econômica geral e os enormes orçamentos militares geraram uma dívida nacional sem precedente e crescentes questionamentos da economia política do governo. Surgiram também diversas reações internacionais contra muitos aspectos da globalização capitalista e da influência dos Estados Unidos na política, na economia e na cultura de outros povos (PURDY, 2007, p. 274).

Enfim, foi nesse período em que o personagem britânico aqui analisado foi concebido. Como mencionado, Dredd é um produto do pessimismo característico desse contexto. Dessa forma, como veremos a seguir, as histórias do Juiz Dredd procuraram representar os ânimos desse período, satirizando o os Estados Unidos e subvertendo seus símbolos em direção ao autoritarismo

judiciário característico do personagem.

América: a terra dos livres sob os pés da Lei

Apesar de ser um personagem britânico, é inegável a conexão de Juiz Dredd e seu universo com os Estados Unidos. Segundo David Bishop (2006) o fato de John Wagner mudar ainda garoto para o Reino Unido, deu-lhe “uma perspectiva de fora das duas nações. Isso certamente deu o ponto de vista satírico das histórias de Dredd” (BISHOP, 2006, p. 27)⁶.

O caráter satírico de Dredd e seu universo pode ser percebido em várias histórias ao longo dos anos. John Wagner, Alan Grant, Pat Mills e outros autores que escreveram o personagem ao longo de 45 anos, tanto na *2000A.D.*, como na *Judge Dredd Megazine* (no período de publicação de América, a revista se chamava *Judge Dredd the Megazine*), colocaram no personagem uma forte dose de ironia e sarcasmo, de modo a entendermos esse caráter satírico como uma crítica social dos escritores à sua própria sociedade e o que percebiam como problemas imediatos dela. Mega-City Um, por exemplo, é uma representação da Costa Leste dos Estados Unidos no fim da década de 1970, assolada pela criminalidade; a indumentária de Dredd possui as cores da bandeira estadunidense; e grande parte do espectro cultural desenvolvido nas histórias do personagem são uma forma de ironizar aspectos da cultura britânica e estadunidense.

O arco Terra Maldita, escrito por John Wagner e Pat Mills e publicado em 1978, foi um conjunto de histórias nas quais Dredd precisou cruzar a vasta terra radioativa que um dia foi o interior dos Estados Unidos, apresentando elementos característicos da cultura estadunidense. Essas histórias exploram

⁶ No original: Wagner was born in America but moved to Britain while still a boy, giving him an outsider's perspective of both nations. That has certainly informed the satirical viewpoint of Dredd's stories (tradução nossa)

bem essa concepção dos autores sobre o país.

No entanto, a história que melhor sintetiza a ideologia de Juiz Dredd e a sátira do personagem ao país é: *América*. Escrita por John Wagner (2020) e desenhada por Colin MacNeil, a história é narrada em primeira pessoa e apresentou América Jara e Bennett Benny, dois jovens comuns de Mega-City Um. O autor tratou de contar como é crescer sob o regime autoritário dos Juizes. Na trama, tanto Jara como Benny cresceram juntos, mas se separam com o passar dos anos: ela se juntou ao movimento pró-democracia, tido como um movimento terrorista que tinha como objetivo derrubar o Sistema Judicial; enquanto seu amigo se tornou um cantor famoso e, por conta de sua condição social, era indiferente ao regime dos Juizes. Assim, eles se reencontram após se tornarem adultos e, juntos, tentam derrubar o governo dos Juizes à força, mas América é traída por Benny e morta pelos Juizes em uma emboscada.

Trabalhando com as noções de Liberdade, Igualdade e o Sonho Americano, ideais comumente atribuídos aos Estados Unidos e reproduzidos por seus cidadãos para a consolidação de uma narrativa de excepcionalidade, Wagner (2020) buscou satirizar como a “Terra dos Livres e dos Bravos” se tornou um severo e repressivo sistema de aplicação da lei personificado pelo Juiz Dredd. Não somente isso, o autor, também, buscou refletir como que os Estados Unidos se tornaram aquela sociedade violenta e repressora que caracterizou a década de 1980, assim como a consolidação desse modelo nos anos 1990.

Durante todo o arco, John Wagner (2020) faz um jogo de símbolos com a história, a começar pelo nome da protagonista: América. Ela é filha de imigrantes porto-riquenhos que imigram para o continente na esperança de uma vida melhor. A ideia do imigrante indo aos Estados Unidos para buscar o tão almejado “Sonho Americano” é, em boa medida, a ideia da fundação daquele país como um Estado-nação.

Figura 1 – Jogo de símbolos.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 49-50.

Um dos primeiros jogos de símbolos que Wagner (2020) tratou ao longo do arco pode ser observado logo nas duas primeiras cenas da história. Na imagem à esquerda, observamos Dredd visto de baixo em uma pose de autoridade e triunfo. Sob seus pés, está a bandeira dos Estados Unidos ensanguentada. Ele disse:

Qual é a minha posição? Eu vou te dizer qual é a minha posição. Minha posição é absolutamente do lado da Justiça. Eu defendo a disciplina, a boa ordem e a aplicação rígida da lei – e Deus ajude qualquer liberal bicha⁷ que diga o contrário. As pessoas conhecem a minha posição. Eles precisam de leis para

⁷ No original, John Wagner usou o termo *Limp-wrist*, que é uma gíria estadunidense usada para denominar gays ou homens afeminados. O autor procurou dar a ideia de que a aplicação da lei seria “coisa de macho”. Importante destacar que a escolha dos termos “liberal bicha” deram mais fidelidade ao texto e ao contexto de produção da obra não sendo, assim, a nossa visão.

viver – eu as forneço. Eles quebram as leis, eu os quebro. É assim que funciona. As pessoas gostam das coisas assim. Eles precisam saber seu lugar. Direitos? Claro. Eu sou totalmente a favor de direitos. Mas não à custa da ordem. É por isso que gosto de ver aquela Estátua do Julgamento parada ali, erguendo-se sobre a liberdade. Uma espécie de símbolo (WAGNER, 2020, p. 45)⁸.

Já nessas primeiras páginas podemos analisar duas coisas: a imagem de Dredd pisando na bandeira suja de sangue e seu discurso. Segundo Jan Nederveen Pieterse (2009), os Estados-nações criam para si o que chamou de “Corpo Metafórico”, ou seja, a construção de uma autoimagem cujo objetivo é mostrar uma versão idealizada de si para o mundo. Assim, esse “corpo” é composto por um aparato simbólico que se apoia em narrativas criadas e constantemente reproduzidas ao longo dos anos, consolidando, dessa maneira, os ideais positivistas de fundação do Estado Nacional. Em outras palavras, narrativas patrióticas que tratam de mitos de fundação, hinos nacionais, heróis consagrados do passado; que podem ser ressignificados e instrumentalizados para dar origem à uma visão idealizada da história desses Estados. Dessa forma, segundo o autor:

Nós nos relacionamos com os Estados Unidos por meio do corpo metafórico do Tio Sam, das narrativas que os americanos repetem uns aos outros para o mundo a respeito dos Estados Unidos. Dado que a história dos EUA é marcada pelas múltiplas rupturas das migrações intercontinentais, do colonialismo e da revolução anticolonialista, as narrativas afirmam a excepcionalidade dos Estados Unidos (PIETERSE, 2009, p. 22).

⁸ No original: Where do I stand? I'll tell you Where I stand. I stand four-square for justice. I stand for discipline, good order and the rigid application of the law – and grud help any limp-wrist liberals who say different. The people, they know where I stand. They need rules to live by – I provide them. They break the rules, I break them. That's the way it works. The people like it that way. They need to know where they stand. Rights? Sure. I'm all for rights. But not at the expense of order. That's why I like to see that statue of Judgement standing there, towering over liberty. Kind of a symbol (tradução nossa).

A percepção que os Estados Unidos vendem de si é que seu país é o símbolo da tradição democrática, da garantia de liberdade individual e de expressão, esta última garantida pela Constituição. Sua bandeira é a personificação desse corpo metafórico, visto que o país faz questão de associá-la à Liberdade e à Democracia com suas cores e estrelas. Assim, tê-la sob os pés de Dredd representa a derrubada dessa ideia; derruba a noção de Liberdade sob condição da Lei, uma vez que Dredd é a encarnação da lei. Em outras palavras, a bandeira dos Estados Unidos e tudo o que ela representa foi violentamente submetido ao poder da lei.

Não obstante, segundo Peter Burke (2004), imagens de ideias têm sido usadas como propaganda para representar o governante e o poder que ele exerce sobre seu reino ou império. Desse modo,

conceitos abstratos têm sido representados através da personificação desde a época da Grécia antiga, se não antes. As figuras da Justiça, da Vitória, da Liberdade, etc. são usualmente femininas [sic] (BURKE, 2004, p. 76).

Para imagens individuais, o autor afirma que a solução mais comum de tornar algo concreto ou abstrato seria fazer com que pessoas encarnem ideais e valores. Assim, ele aponta para o que chamou de “organização de imagem”, ou seja, a maneira como o fotógrafo ou o artista procura mostrar o líder em questão. Segundo o autor, “em *Triunfo da Vontade*, Hitler foi fotografado de baixo para cima e mostrado contra o céu, para que sua imagem parecesse mais alta e mais heroica” (BURKE, 2004, p. 90), exatamente como é mostrado Dredd na primeira página de *América*. No nosso caso, podemos observar como Colin MacNeil representou Dredd não como a personificação da Justiça, mas sim da Lei.

Na imagem à direita, vemos que na verdade a bandeira está cobrindo o corpo de uma pessoa. Ao lado, uma arma. Dredd permanece estático com um dos pés sob o corpo e este sob a bandeira. Ao fundo: a Estátua da Liberdade quebrada. Ela, também, está pichada com os dizeres “Guerra Total”, o nome de um grupo considerado pelos juizes como terrorista por ser pró-democracia. Atrás, uma gigante estátua de um juiz em posição de autoridade olhando para Mega-City Um. A estátua é conhecida como a Estátua do Julgamento, sendo maior que a primeira estátua, mostrando que a lei é maior que a própria liberdade. Acima, também, Dredd disse: “A justiça tem um preço. O preço é a liberdade” (WAGNER, 2020, p. 46).

Figura 2 – O nascimento da América.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 53.

Quando de fato a história começa, somos introduzidos à América Jara.

Como mencionado, ela é filha de imigrantes vindos de Porto-Rico e nasceu em Mega-City Um, uma metáfora para filhos de imigrantes que nascem nos Estados Unidos. Na figura acima, o pai da garota, ao ser perguntado qual seria o nome da menina que acabara de nascer, disse em um inglês pobre:

Bem, eu te digo! Nós viemos aqui, nós, pobres imigrantes bobos. Não temos nada! Essa cidade nos acolheu – nos deu abrigo. Quer dizer, ainda não temos muito, cara, mas pelo menos temos esperança. Temos perspectivas! Estamos aqui – América – a terra dos livres e dos bravos! E a honra de nossa nova casa, é assim que vamos chamá-la – **América!** (WAGNER, 2020, p. 53)⁹.

Com a bandeira ao fundo, aqui vemos a clássica ideia dos Estados Unidos não só como a terra dos livres e dos bravos como é dito (trecho que remete à primeira parte do poema de Francis Scott Key, que se tornou o hino do país), mas como também a nação construída por imigrantes. Nesse trecho, há uma metalinguagem por parte do autor quando coloca o nascimento de uma criança chamada América por imigrantes, como o país que foi fundado pela maciça imigração ao longo dos séculos subsequentes à independência, ou seja, o nascimento do país atrelado ao nascimento da criança.

⁹ No original: Well, I tell you! We come here, we jos' poor dumb immies. We got nothin! Thees city, she take us een – geev us shelter. I mean, we still ain't got much, man, bot at least we got hope. We got prospects! We are here – America – the lan' o' the free an' the brave! An' een honour of our new home, that's wha' we gonna call her – America! (tradução nossa)

Figura 3 – Crescer sob o regime dos Juizes.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 55-56.

Nas páginas seguinte, é mostrado que América e Benny foram intimidados por outras crianças de seu bloco. Em seguida, chegou um juiz. Em outras palavras, a premissa como mencionado foi mostrar ambos os jovens crescendo dentro do sistema dos Juizes. Na imagem à esquerda, no primeiro quadro há duas crianças olhando para a sombra ameaçadora de um juiz. Benny disse que não consegue se lembrar da primeira vez que esteve ciente dos juizes, mas disse: “suponho que seja porque eles sempre estiveram lá, uma presença sombria no fundo de nossas vidas – tanto uma parte do crescimento quanto o ar que respiramos e as ruas em que brincamos” (WAGNER, 2020, p. 55)¹⁰.

No segundo quadro, Benny disse: “aonde quer que fôssemos, eles

¹⁰ I suppose it's because they were always there, a dark presence in the background of our lives – as much a part of growing up as the air that we breathed and the streets that we played on (tradução nossa).

estavam lá. Sempre vigiando. Eles poderiam consertá-lo com um tipo especial de olhar, como se pudessem olhar diretamente para sua alma” (idem)¹¹; no mesmo quadro, podemos observar que cidadãos são observados por um juiz de patrulha, sempre alerta. No terceiro quadro, o protagonista afirmou: “os adultos, eles nos diriam que os juízes estavam lá para o nosso bem, para nos proteger e tornar nossas ruas seguras” (idem)¹²; o interessante é como colocado no quadro em que podemos ver que um juiz estava agredindo violentamente alguém em um beco; na linha do horizonte e centro da imagem, vemos uma mãe puxando seu filho enquanto o garoto assistia a cena. Estariam os juízes deixando as ruas seguras? A ideia aqui é contestar com a arte se, de fato, os juízes estavam lá para garantir a segurança. Se estivessem, precisariam recorrer da violência?

Nos quadros inferiores, em especial no segundo, vemos a cena pelo ponto de vista do garoto. Um juiz está segurando um homem; uma segunda pessoa estava desacordada ao chão e o juiz estava com seu cassetete ensanguentado enquanto olhava fixamente para o garoto; Benny disse: “mas ouviríamos o tremor em suas vozes quando falavam sobre eles e veríamos suas expressões furtivas sempre que um juiz chamasse sua atenção – e saberíamos que eles estavam com medo” (idem)¹³. Interessante é que no quadro seguinte, estamos em um quarto infantil; Benny afirmou: “e à noite as mães nos cobriam com terríveis advertências – durma ou os **juízes** viriam atrás de nós” (idem)¹⁴, ou seja, os juízes se tornaram uma espécie de “bicho-papão” que as mães

¹¹ No original: Wherever we went they were there. Always watching. They could fix you with a special kind of stare, like they could look right into your soul (tradução nossa).

¹² No original: Dults, they'd tell us the Judges were there for our good, to protect us and make our streets safe (tradução nossa).

¹³ But we'd hear the tremor in their voices when they talked about them and see their furtive expressions whenever a Judge caught their eye – and we'd know they were afraid (tradução nossa).

¹⁴ And at night mothers would tuck us in with dire warnings – sleep or the **Judges** would come for us (tradução nossa).

contam para suas crianças caso não se comportem, tamanho é o medo que eles causam em seus cidadãos, o que é uma indicação interessante do poder de repressão que o Sistema Judicial, personificado em Dredd consegue atingir.

Na imagem à direita, nos três primeiros quadros onde Benny falou sobre a forte possibilidade dos juízes irem atrás dele, é mostrado um juiz invadindo a casa de uma pessoa do outro lado do corredor enquanto ele observava tudo por uma fresta na porta. No mundo desenvolvido para o Juiz Dredd, os juízes podem entrar e vasculhar a casa de qualquer cidadão, a chamada *Crime Swoop* e nenhuma pessoa tem direito de se opor a isso, afinal, todos são considerados culpados em Mega-City Um. Assim, ele disse:

Portanto, não precisávamos de fantasmas, duendes ou vampiros. Tínhamos os juízes. E eles eram piores. Nós sabíamos que eles existiam. E havia uma grande possibilidade de que eles viessem nos buscar. Então, não me lembro quando tomei conhecimento deles. Mas eu me lembro do meu primeiro encontro. Meu estômago ainda dói quando penso nisso. A este único momento eu atribuo meu terror de autoridade de toda a vida (idem)¹⁵.

O interessante é que essa história foi narrada pela ótica de quem mais sofre com o autoritarismo e arbitrariedade do Departamento de Justiça. Assim a maneira como o personagem disse não lembrar da primeira vez que tomou conhecimento deles, fato este que leva em consideração sua presença ostensiva nas vidas das pessoas, é uma ideia da totalidade do Sistema Judicial¹⁶.

¹⁵ No original: So we didn't need ghosts or goblins or vampires. We had the Judges. And they were worse. We knew they did exist. And there was a strong possibility they would come for us. So I don't remember when I became aware of them. But I do remember my first encounter. My stomach still nots up when I think of it. To this single moment I attribute my lifelong terror of authority (tradução nossa).

¹⁶ Importante pontuar que o Sistema Judicial do universo de Juiz Dredd não se propõe a ser um sistema totalitário, mas que possui, sim, uma presença ostensiva no dia a dia da cidade. Juízes patrulhando as ruas diariamente; há iniciativas do Departamento de Justiça voltadas para crianças, estimulando-as a denunciarem seus pais e familiares; linhas diretas para denúncia; e programas de televisão que estimulam a apresentação espontânea em caso de

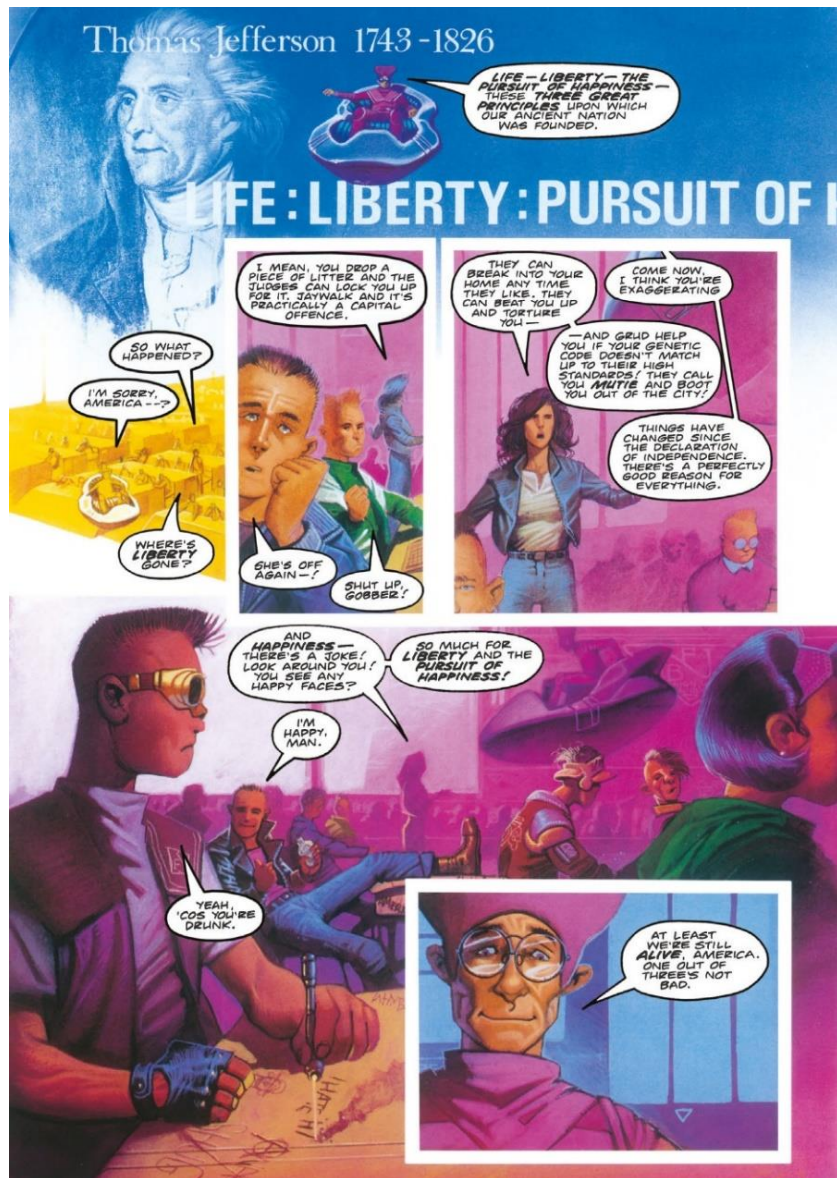
Nos dois últimos quadros da imagem à direita, um juiz fez Benny chorar. Na página seguinte, América tomou as dores do amigo e enfrentou o juiz, afirmando que ele deveria estar perseguindo os garotos que estavam batendo em seu amigo, não fazendo-o chorar. Ele perguntou seu nome e ela disse: “meu nome é América Jara. Eu moro no apartamento 41-31, Bloco Fred Nietzsche – e posso dizer que eu quiser, porque meu pai diz que esta é a **América** e é um **país livre**” (WAGNER, 2020, p. 57, tradução nossa)¹⁷. O Juiz, por sua vez, disse: “É? Em que século ele está vivendo? Isso não é mais a América, garota. Esta é o Mega-City Um – e você e seu velho têm muito que aprender” (idem)¹⁸. Novamente, o autor busca reforçar essa ideia inocente que a protagonista tem de que América é um país livre, mesmo que seja só o território geográfico, não a entidade política.

crime. Para não mencionar em toda uma mitologia criada na cidade para a celebração da Lei como uma “festa cívica”, apesar de Mega-City Um não se constituir como um Estado Nacional dotado de uma identidade étnico-linguística, muito menos um sistema de governo que forme cidadãos.

¹⁷ No original: My name is America Jara. I live at the apartment 41-31, Fred Nietzsche Block – and I can say what a like, ‘cos my dad says this is **America** and it’s a **free country** (tradução nossa).

¹⁸ No original: Yeah? What century’s he living in? This ain’t America anymore, kid. This is Mega-City One – and you and your old man have got a lot to learn (tradução nossa).

Figura 4 – Vida, Liberdade e a Busca da Felicidade.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 60.

Acima é outro momento em que podemos ver a maneira como Wagner (2020) trabalha com noções comumente atribuída aos Estados Unidos. À medida que cresce, América fica desiludida com o governo dos Juizes. Na imagem acima, por exemplo, em uma sala de aula, a protagonista confronta seu professor que leciona a história dos antigos Estados Unidos. Segundo ele: “Vida – Liberdade – a Busca da Felicidade – existem três grandes princípios sobre os

quais nossa antiga nação foi fundada” (WAGNER, 2020, p. 60)¹⁹. Como podemos observar no topo da figura, ao fundo, uma foto de Thomas Jefferson e o lema citado pelo professor. América, por sua vez, perguntou o que aconteceu, para onde foi a liberdade? E disse:

Quero dizer, você deixa cair um pedaço de lixo e os juízes podem prendê-lo por isso. Ande fora da faixa e é praticamente um crime capital. Eles podem invadir sua casa quando quiserem. Eles podem espancá-lo e torturá-lo – e Deus te ajude se o seu código genético não corresponder aos seus altos padrões! Eles chamam você de mutante e o expulsam da cidade! E felicidade – é uma piada! Olhe a sua volta! Você vê algum rosto feliz? Tanto pela Liberdade e a Busca da Felicidade! (idem)²⁰.

Aqui, vemos a crítica do autor ao que se tornou os Estados Unidos e seu “corpo metafórico” em que se coloca sob o excepcionalíssimo de terra principal da liberdade. Enquanto o professor descreve que os três princípios que fundaram a antiga nação são ensinados, América critica-os. Como poderiam aqueles ser os princípios fundadores se eles não eram reais? Enquanto ela diz isso, o professor discordou. Segundo ele:

Vamos, acho que você está exagerando. As coisas mudaram desde a Declaração de Independência. Há uma razão perfeitamente boa para tudo. Pelo menos ainda estamos vivos, América. Um em cada três não é ruim (idem)²¹.

¹⁹ No original: Life – Liberty – the Pursuit of Happiness – there three great principles upon which our ancient nation was founded (tradução nossa).

²⁰ No original: I mean, you drop a piece of litter and the Judges can lock you up for it. Jaywalk and it’s practically a capital offense. They can break into your home any time they like. They can beat you up and torture you – and god help you if your genetic code doesn’t match up to their high standards! They call you mutie and boot you out of the city! And happiness – there’s a joke! Look around you! You see any happy faces? So much for Liberty and the Pursuit of Happiness! (tradução nossa).

²¹ No original: Come now, I think you’re exaggerating. Things have changed since the declaration of independence. There’s a perfectly good reason for everything. At least we’re still alive, America. One out of three’s not bad (tradução nossa).

Apelando para o exagero de América ao descrever esses princípios, o professor afirma que as coisas haviam mudado e que pelo menos o primeiro, a Vida, estava valendo. Afinal, eles ainda estavam vivos.

Figura 5 – A decisão de integrar o movimento pró-Democracia.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 61-62.

Aqui é o momento em que América decide lutar e se engajar pelo movimento pró-democracia, assim como o momento que de certa forma separa os caminhos trilhados por ela e Benny. Há algumas coisas interessantes em ambas as figuras acima, a começar pelo primeiro quadro da página à esquerda: é possível ver as seguintes frases: “Who judges the Judges?” (Quem julga os Juízes?), uma clássica frase do poeta Juvenal, em sua obra *Sátiras*. Segundo o

poeta, “*Quis custodiet ipsos custodes?*”, ou seja, “quem guardará os guardas?” ou “quem vigia os vigilantes?”²². Aqui pode ser tanto uma intervenção do próprio autor da obra, ou seja, John Wagner ou do desenhista Colin MacNeil, mas o ponto é que essa frase foi escrita pelo poeta em um contexto diferente. Apenas posteriormente ela ganhou essa conotação política que vai no sentido de perguntar quem que julga ou vigia quem está no poder. Quem julgaria os Juízes por suas ações?²³

Enfim, conversando com seu amigo, América disse: “como os juízes conseguiram todo esse poder? Eles simplesmente **pegaram!** E ninguém parece dar a mínima!” (WAGNER, 2020, p. 61)²⁴. Benny, por sua vez, cantou uma canção:

Eu sou um velho juiz mau. Meu nome é Dredd, faça o que mandam ou vou arrebentar sua cabeça! Não fale de Liberdade, liberdade é para tolos, você fará muito melhor em obedecer a essas regras – curve-se e ajoelhe-se! Você descobrirá que sou muito justo! Contanto que você se lembre – apenas plante seus lábios bem aqui! [apontando para seu traseiro] (idem)²⁵.

²² Essa frase aparece, também, na história em quadrinhos *Watchmen*, escrita por Alan Moore e lançada originalmente como uma minissérie em doze edições mensais pela editora DC Comics entre 1986 e 1987.

²³ Na prática, no universo de Dredd sabemos quem julga os juízes: o SJS (Special Judicial Squad, Esquadrão Judicial Especial em português), uma espécie de corregedoria, em que julgam os juízes que promovem tortura, assassinatos extrajudiciais e corrupção. Curiosamente, ela promove tortura contra os juízes da “força regular”, os juízes de rua. São odiados pelas outras categorias que compõem o Departamento de Justiça. Seus líderes possuem poderes quase ilimitados, respondendo apenas ao Juiz Chefe. Frequentemente são usados em golpes de Estado em Mega-City Um e remetem à SS (Schutzstaffel), milícia ligada ao Partido Nazista, na Alemanha entre 1933-1945.

²⁴ No original: How did the Judges get all that power? They just took it! And nobody seems to give a damn! (tradução nossa).

²⁵ No original: I’m a mean old Judge. My name is Dredd, do what you’re told or I’ll bust your head! Don’t talk of freedom, freedom is for fools, you’ll do much better to obey these rules – bow down and knuckle under! You’ll find I’m very fair! So long as you remember – just plant your lips right there! (tradução nossa).

Como podemos observar pela letra da canção, a população tem noção da percepção de Dredd que “liberdade é para tolos”, conseqüentemente a própria democracia é para tolos. No sétimo quadro, Wagner (2020) articula na fala de América o ideal de liberdade que ele satiriza. Segundo ela:

Você não vê, as pessoas vieram para a América para **escapar** da tirania, para serem livres, para ter o direito de decidir por si mesmas como gostariam de viver. Os juízes tiraram tudo isso de nós e nada vai mudar, a menos que estejamos preparados para fazer algo a respeito – levante-se e diga a eles para dar o fora de nossas vidas! (idem)²⁶.

Já na imagem à direita, é interessante observar que Benny fica apavorado ao ver que América está carregando cartazes para o movimento democrático. Diferentemente como pensava América, a defesa do movimento democrático em Mega-City Um era ilegal, algo visto pelos Juízes como um movimento para depor o governo. Portanto, colar cartazes para eles poderia se enquadrar nas mesmas ofensas, de modo que a prisão com certeza seria o destino de personagem. Na narração, Benny disse que “eu implorei para ela parar. Tentei fazê-la ver que você poderia seguir as regras deles e ainda assim ter uma vida boa...” (idem)²⁷. Em seguida, América disse:

Você está errado. Vida, Liberdade e a Busca pela Felicidade – eles não são apenas palavras vazias. Eles importam. Pessoas **morreram** para ter certeza de que sempre seriam nossas por **direito**. Podemos fazer quase tudo, Benny... podemos voar, podemos viajar para as estrelas. Eles vão nos dizer que não somos capazes de assumir o controle de nossas próprias vidas...? Os juízes, eles são como uma camisa de força – jogue-

²⁶ No original: Don't you see, people came to America to escape from tyranny, to be free, to have the right to decide for themselves how they wanted to live. The Judges have taken all that away from us and nothing will ever change unless we're prepared to do something about it – stand up and tell them to keep the hell out of our lives! (tradução nossa).

²⁷ No original: I begged her to stop. I tried to make her see you could play it by their rules and still live a good life... (tradução nossa).

os fora e estaremos livres novamente. Está em nossas mãos. Nós podemos fazer isso. Se apenas quisermos o suficiente (idem)²⁸.

Crescer dentro do Sistema dos Juízes e nas ruas de Mega-City Um fez América perceber o quão os fundamentos enraizados na história dos Estados Unidos são importantes. Nas páginas seguintes, Benny descreve como sua relação de amizade foi se afastando conforme ela foi sendo “consumida” pelo movimento. O garoto disse que foi com ela uma noite para colar cartazes, mas ficou com muito medo e não retornou. Aos 15 anos, América pegou sua primeira condenação de três meses na prisão juvenil por colagem ilegal. É curioso que Benny culpa o movimento democrático por se afastar, da mesma maneira que ele se culpa por não a ter seguido.

Como podemos observar acima, é uma passagem em que Benny descreveu como América passou a ficar mais confiante e empoderada de seu amadurecimento, tornando-se mulher. Ele, por sua vez, contou como sua relação com a melhor amiga foi ficando cada vez mais distante conforme ela entrou em outros grupos, como o movimento democrático e conhecendo novas pessoas. Segundo ele, conforme América foi ficando mais por dentro do movimento, ela mudou-se para o setor oeste de Mega-City Um, longe de seu amigo, o que significava que não poderia visitá-lo mais. Assim, ela passou a escrever para ele com frequência.

²⁸ No original: You're wrong. Life, Liberty and The Pursuit of Happiness – they're not just empty words. They matter. People died to make sure they'd always be our by right. We can do almost anything, benny... we can fly, we can travel to the stars. Are they going to tell us we're not capable of taking control of our own lives...? The Judges, they're like a strait-jacket – throw them off and we'll be free again. It's in our hands. We can do it. If we just want it enough (tradução nossa).

Figura 6 – A desilusão com a América.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 66.

Meses mais tarde, aconteceu o funeral da mãe de Benny. América não pode comparecer, pois estava em algum protesto de estudantes, mas seu pai foi prestar suas condolências. Acima, tanto ele como o pai de América estão tristes: o rapaz pela morte de sua mãe e por ter sido deixado sozinho; o pai de América está desiludido com o que a “Terra dos Livres” havia se tornado. Assim, ele disse ao garoto:

Ah, sim, si! Nós ouvimos [sobre a música de Beeny]! Você vai ser uma estrela, hein? O menino pequeno da Sra. Beeny vai se tornar grande. Sua mãe, ela cuida de você. Eu não estou feliz aqui. Não é o que eu acho. – Ei, você, pegue aquele papel – ei, pare aí – ei, você, contra a parede! ‘Não faça nada – não trabalhe – dê um passo fora da linha e’ bang!²⁹ Você morreu! Eu gostaria que nunca viéssemos... não é o lugar dos grandes sonhos – não é mais a América. Estou preocupado com ela, Beeny, ela não voltou mais para casa – ela só ficou com os democratas. E

²⁹ De acordo com as leis de Mega-City Um, jogar papel no chão é crime. Assim como a fala do pai de América sobre não trabalhar é uma referência ao desemprego gritante que existe na megalópole.

aquele cara do Dood -! Nada de bom virá de disso, o que você pode fazer? América, ela vai fazer o que quiser, o que você disser... (WAGNER, 2020, p. 66)³⁰.

O pai de América diz que o país, no caso Mega-City Um, não é o lugar dos sonhos que pensava ser. Toda a ideia de que Mega-City como o antigo país que acolhia os imigrantes, agora estava corrompida pelos juízes, sua burocracia e sua truculência.

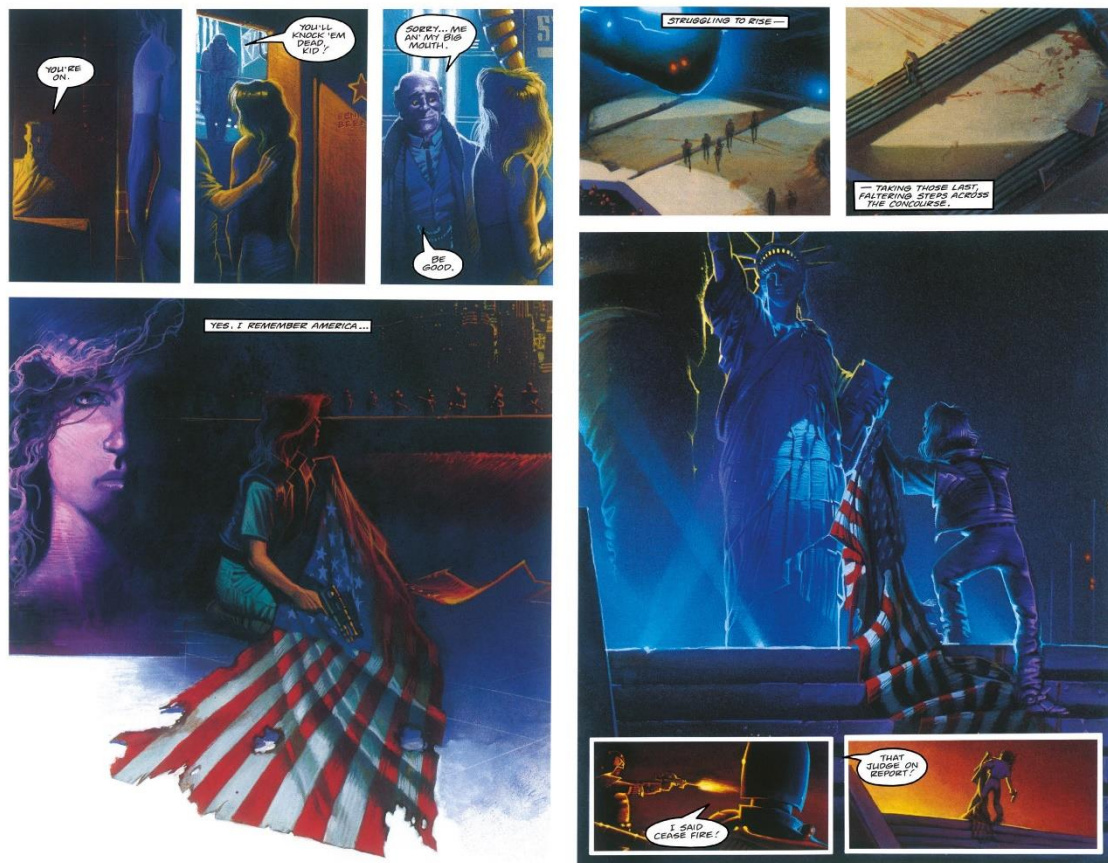
Já distante, Benny escreveu para América dizendo que iria se mudar. Anos se passaram e ele se tornou um cantor de sucesso na cidade, mas havia perdido contato com sua amiga. Em seus relacionamentos com mulheres, ele passou a ter encontros casuais e, em um deles, encontrou América disfarçada como uma garota de programa. Sem saber, Benny se viu em uma armadilha preparada pelo Guerra Total para matar alguns juízes, usando América como isca. Ao descobrirem que América o conhecia e que ele testemunhou todo o ocorrido, o rapaz foi deliberadamente atingido por um colega de luta de América por presenciar o atentado. No hospital, ele é assediado por Dredd para delatar os responsáveis, mas ele não cedeu.

Nas páginas seguintes, América procurou o amigo para se desculpar. Eles conversaram e ela contou sobre o período em que se afastaram: ela estava grávida quando foi à marcha pró-democracia, quando os juízes reprimiram o ato, prenderam-na e a torturaram. Após anos sem se verem, Benny tentou compensar o tempo que perdeu com sua amiga ao ajudá-la em sua luta. Ele decidiu ajudar com o financiamento do movimento. América diz que o dinheiro

³⁰ No original: Ah, yes, si! We hear! You gonna be the beeg star, eh? Mrs Beeny's leetle boy gonna make eet beeg. Your momma, she be prof of you. Me, I no' happy here. Ees no what I theenk. 'Hey, you, pick op that paper – hey, you stop standing there – hey, you, op against the wall!' no do anything – no work – take one step out of line an' bang! You dead! I weesh we never come... ess no' the great dream place – ess no America no more. I'm worried about ger, Benny, she no come home no more – she een beeg with there democrats. An' that Dood guy – ! No good gonna come of eet, bot what can you do? America, she gonna do what she like, whatever you say... (tradução nossa).

servirá para comprar explosivos, pois iriam explodir a Estátua da Liberdade. Segundo ela, aquela estátua era uma piada, portanto, iriam provar seu ponto já que não há nenhuma liberdade sob os juizes. Contudo, Benny traiu sua amiga ao informar os juizes de seu plano, na esperança de salvá-la. Estes que montam uma emboscada para pegá-los, o que resulta na morte de América.

Figura 7 – A morte da América.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 102-103.

Nas páginas acima, podemos ver a morte de América após ser traída por seu amigo, no local que explodiriam a estátua. Na figura à esquerda, América pegou a bandeira dos Estados Unidos que estava no local. É possível observar que a bandeira estava toda rasgada e chamuscada. Ao lado da cena, podemos ver, também, uma imagem de América com um semblante sério, pois ao mesmo tempo em que presenciamos a morte da personagem, John Wagner (2020) e o artista Colin MacNeil

(2020) estavam a retratar a mudança do personagem que veremos a seguir.

Ao mesmo tempo, na figura a direita, podemos observar que nos dois primeiros quadros duas coisas: os juízes presentes no local, próximo de América; e a personagem escalando os degraus do local com dificuldade. No terceiro quadro, o maior da página, Colin MacNeil (2020) retratou América empunhando a bandeira para a Estátua da Liberdade, de modo que a ação pode ser interpretada como uma última tentativa de América de sentir a liberdade, ou de lamentar sua perda. Isso porque nos dois quadros da parte inferior da página, um dos juízes atirou na personagem, mesmo contra as ordens de Dredd para não atirarem. Isso é interessante, pois, mesmo os juízes que são a representação da lei nas ruas da cidade, não respeitam a ordem.

Figura 9 – O motivo.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 105.

Benny, que traiu a amiga, confrontou Dredd do motivo por ter feito aquilo, já que teria lhe garantido que não a machucaria. O Juiz, por sua vez, disse para o rapaz poupar suas lágrimas para alguém que as merecesse, afinal América era uma assassina de juízes. Benny, por sua vez, questionou por que Dredd não havia tomado alguma ação contra os companheiros de América antes, pois estava seguindo-os desde que partiram para consumir o atentado contra a Estátua. Dredd respondeu: “Uma pequena demonstração - para encorajar os outros. Você não é o único no show business” (WAGNER, 2020, p. 105)³¹. Ou seja, Dredd apenas tomou aquela atitude como uma forma de mostrar para outros que se insurgir contra os juízes resultaria em morte.

Figura 10 – A transformação da América.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 106.

Curiosamente, após a morte de América na emboscada armada, de certa forma, por Benny, ele resolveu manter América “viva” ao se transformar nela, processo mencionado anteriormente e feito de forma simultânea com a morte da verdadeira personagem. Ou seja, ele se transformou em uma mulher trans

³¹ No original: A little demonstration - to encourage the others. You're not the only one in show business (tradução nossa).

que tem a mesma fisionomia dela, usando procedimentos estéticos ficcionais do universo de Dredd que fazem referência ao processo de transição para pessoas trans. Contudo, agora América nada mais é do que um homem (no caso Benny) culpado pelo que fez à sua amiga. Interessante pontuar que na narrativa, o fato de Benny ter se transformado em América não foi visto de uma forma negativa para além de um homem culpado por ter traído sua amiga e amor de infância. Aqui, o autor procurou passar a ideia de que a América só continuaria(rá) viva quando ela (no caso, o país) conseguir se transformar, repensar seu papel como uma nação (e toda a coletividade que nela está), sua dinâmica e resolver seus problemas internos como um país unido.

América foi morta em uma emboscada armada pelos juizes, o que não deixa de ser uma metalinguagem do autor para mostrar que a América, ou seja, o país tão comumente chamado dessa forma na língua inglesa, morreu pelas mãos dos juizes, da lei.

Figura 11 – O preço da Liberdade.



Fonte: *Essential Judge Dredd: America*, p. 109-110.

Na figura acima, podemos ver uma dicotomia entre aquilo que América (o país e a personagem) representavam, em contrapartida o que os Juízes representavam. À esquerda, podemos observar vários elementos que acompanham a personagem ao longo da trama: a própria personagem em diferentes fases da vida, a bandeira dos Estados Unidos rasgada e ensanguentada, a carta que Benny escreveu para sua amiga, os cartazes das marchas pró-democracia e, por fim, a figura da Estátua da Liberdade ao fundo, o símbolo maior do país. Contudo, a fala de Benny à esquerda é uma mensagem de alerta de Wagner (2020):

Mas gosto de pensar que fiz isso por Ami também. Para que pelo menos parte dela – pelo menos seu sonho pudesse continuar. Porque ela estava certa. Você não pode ignorar o que está acontecendo. Você não pode enterrar a cabeça na areia e esquecer o que os juízes estão fazendo conosco. Você tem que continuar lutando. Você tem que continuar procurando pela América (WAGNER, 2020, p. 105)^{32 33}.

Ao afirmar isso, o autor buscou dizer que a conformidade é perigosa, pois aqueles que escolhem olhar para o outro lado estão sendo coniventes com

³² No original: But I like to think that I did it for Ami, too. So that at least part of her – at least her dream could carry on. Because she was right. You can't ignore what's going on. You can't bury your head in the sand and forget what the judges are doing to us. You've got to keep fighting. You've got to keep looking for America (tradução nossa).

³³ Apesar dessa fala de Benny, ele não se convenceu da causa que América lutou. Em uma continuação escrita e publicada entre 1997 e 1998, nas edições da *Judge Dredd Magazine* #3.20 ao 25, John Wagner (1997) narrou a tentativa do movimento pró-democracia em cooptar Benny para a causa, através de sua colaboração ou pela força ao sequestrarem a filha que teve com América, nascida após sua morte. O autor mostrou, também, Benny retido da vida pública, com problemas de saúde devido a recusa de seu organismo com o transplante no corpo de América. Mais do que isso, Benny foi estuprado e, também, era visto com desdém por seu público, que não viram com bons olhos a mudança que o cantor havia tomado. Contudo, mesmo após seu estupro ter sido presenciado por um juiz, que parou o ato após ter sido consumado, Benny não mudou de opinião. Para salvar sua filha do movimento pró-democracia, entregou-a para os juízes treinarem ela para ser um oficial da lei, o que representou uma segunda morte da América e sua submissão total à lei.

as forças que buscam tolher as liberdades através de ações de repressão contra aquilo que consideram ir contra seu entendimento de “ordem”. Por fim, à esquerda podemos observar que Dredd e o regime dos juizes saíram triunfantes. Na imagem, vemos o rosto frio e sem emoções de Dredd, ou melhor, parte dele, já que apenas podemos ver o visor de seu capacete. A narração de Dredd disse:

Liberdade – Poder para o Povo – Democracia... o Grande Sonho Americano. Não se iluda. Nós tentamos antes. Acredite em mim, não funciona. Você não pode confiar nas pessoas. Então vá em frente, idiota. Mas lembre-se – isso é tudo, um sonho... a América está morta. Este é o mundo real (idem)³⁴.

Colocando-se como inevitável, Dredd afirma que a tentativa de uma democracia com direitos já foi feita e levou ao caos. Quem trouxe a ordem foram os Juizes. Não é possível confiar no povo, pois ele não saberia se autogovernar. América estar morta é a frase que marca esta história.

Considerações finais

América é a história que mais sintetiza os pensamentos de John Wagner sobre o país em que nasceu. Através do dilema de lutar por um país melhor ao mesmo que se é reprimido pela personificação da Lei, Wagner (2020) procurou passar a mensagem ao leitor que ele precisa persistir na busca de um futuro melhor para o país, ou seja, procurando pela “verdadeira América”, aquela idealizada como Terra da Liberdade. Importante mencionar que Wagner (2020), também, busca contestar a fundação dos Estados Unidos como uma nação

³⁴ Freedom – power to the people – Democracy... the Great American Dream. Don't kid yourself. We tried it before. Believe me, it doesn't work. You can't trust the people. So dream on, creep. But just remember – that's all it is, a dream... America is dead. This is the real world (tradução nossa).

branca, de modo que a maneira como o autor coloca na cena do nascimento de América como uma imigrante filha de porto-riquenhos, ou seja, uma América fundada por imigrantes não brancos.

A metalinguagem da personagem ter o mesmo nome e ter morrido no final, uma morte que levou seus sonhos de Democracia e Liberdade, é intencional para mostrar que a verdadeira América também morreu ou morrerá se ninguém fizer algo. Ao satirizar e criticar o “Corpo Metafórico” dos Estados Unidos, o autor buscou criticar a direção trilhada pelas lideranças políticas estadunidenses, e, de certa forma, até onde isso levaria.

Além disso, dado a natureza repressora de Dredd, a crítica de Wagner (2020) reside, também, na morte da democracia e liberdade através da repressão policial contra seu povo. Em suma, o tema principal desse arco é a perda da liberdade e o declínio dos valores democráticos na sociedade. Porém, conforme afirmou James Chapman (2010), a história “é também profundamente ambivalente. Pois é Dredd quem, inevitavelmente, tem a última palavra” (CHAPMAN, 2010, p. 151)³⁵.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. **A Escrita a história: novas perspectivas** / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BISHOP, David. **John Wagner: The Quiet American**. Dredd Magazine, Oxford: Rebellion, ed. 250, p. 25-30, 2006.

CHAPMAN, James. **British Comics: A Cultural History**. Londres: Reaktion Books, 2011.

³⁵ No original: it is also deeply ambivalent. For it is Dredd who, inevitably, has the last word (tradução nossa).

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

GILBERT, Martin. **A história do século XX**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

MUNHOZ, Sidnei J. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020. 313 p. ISBN 978-85-473-3670-7. E-book.

OLIVEIRA, Lucas Silva de. **Ele é a Lei! Uma projeção autoritária para o futuro: desemprego, Lei e Ordem, Guerra Fria e sátira aos EUA em Juiz Dredd (1977-1991)** / Lucas Silva de Oliveira. -- Maringá, PR, 2022.

PIETERSE, Jan Nederveen. **O Fim do Império Americano?: Os Estados Unidos depois da Crise**. Trad. De Tommaso Besozzi. Belo Horizonte: Geração editorial, 2009.

PURDY, Sean. In: KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI** / – Leandro Karnal ... [et al.]. – São Paulo: Contexto, 2007.

WAGNER, John; et all. **Essential Judge Dredd: America**. Oxford: Rebellion, 2020.

Recebido em Maio de 2023.

Aprovado em Junho de 2023.